

# Leslie Allen, Ezequiel, Palestra 14, Perdição para o Egito

## Ezequiel 29:1-32

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 14, Perdição para o Egito, Ezequiel 29:1-32.

Continuamos nosso estudo desta seção da ponte no livro de Ezequiel examinando os capítulos 29-32 e essas mensagens são todas dirigidas contra o Egito. A primeira coisa a notar é a data inicial no décimo mês, no décimo ano, no décimo mês, no décimo segundo dia do mês.

E pela primeira vez no livro, ele volta atrás, e é anterior ao anterior. Em 26:1 mencionamos o décimo primeiro ano, o primeiro dia do mês. E assim, voltamos a um ano anterior e ao agrupar estas mensagens contra o Egito há uma ligeira discórdia cronológica.

Esta data em 29:1, 10, 12 refere-se a janeiro de 587, que certamente foi antes da queda da capital de Judá e, portanto, é anterior à queda de Jerusalém. E esta datação adequa-se ao conteúdo da primeira das três mensagens em 29:1-16, nomeadamente nos versículos 3-6a. E posso dizer aqui que a NVI parece estar certa ao iniciar uma nova mensagem com a segunda metade do versículo 6. Isso ocorre porque você era um cajado de cana para a casa de Israel.

Isto funciona como uma acusação para a próxima seção, enquanto a nova RSV a liga à primeira metade do versículo 6. Os oráculos contra o Egito, em geral, parecem alinhar-se com o ministério negativo pré-queda de Ezequiel sobre a queda vindoura de Judá. E deveríamos ter que pensar sobre o porquê disso. Bem, porque estão associados à esperança de libertação de Judá do ataque babilônico pela intervenção do exército egípcio.

Esta era a sua grande esperança. E você já deve se lembrar que no capítulo 17, versículos 15-17, Ezequiel se manifestou contra as negociações de Zedequias com o faraó egípcio e previu que nada de bom resultaria delas. Há um texto fascinante ao qual me referi em geral antes, mas agora podemos realmente pesquisá-lo.

Está no capítulo 37 de Ezequiel, versículo 5. Nos conta que durante o cerco, durante o cerco babilônico a Jerusalém, a esperança de um exército egípcio apareceu nas fronteiras do sul da Judéia. E ah, aqui finalmente o exército da Judéia estava aparecendo. E assim os babilônios que sitiavam Jerusalém deixaram Jerusalém, na

verdade, por um tempo para enfrentar esta campanha, uma pequena campanha contra o Egito, que evidentemente foi muito bem sucedida.

Os egípcios foram repelidos e os babilônios voltaram para sitiá-los. A última esperança de Judá desapareceu naquele apelo ao Egito, que não se concretizou com sucesso egípcio. Na verdade, a segunda mensagem em 6b-9a já está consciente do fracasso deste contra-ataque do Egito, aliado de Judá, como veremos.

E assim, em princípio, as mensagens contra o Egito nos capítulos 29-32, todas elas, de facto, alinham-se com o ministério pré-queda de Ezequiel. No entanto, quando examinamos os capítulos 25-28, vimos que eles pertenciam à sua profecia pós-queda. E pode parecer estranho que agora tenhamos voltado e as duas metades das mensagens estrangeiras estejam colocadas nessa ordem específica.

Pós-587, pré-587. Nós os teríamos invertido para que 29-32 seguissem o capítulo 24 e os capítulos 25-28 viessem logo antes do capítulo 33, que representa a mudança da maré e Ezequiel passando para mensagens basicamente positivas. Porém, notamos que a segunda edição do livro de Ezequiel optou por antecipar boas novas e é isso que vem acontecendo nos capítulos 25-28.

A disposição desses capítulos alinha-se então com a disposição estrutural, que é uma característica do livro como um todo. Então, voltando em detalhes, os versículos 3-6a continuam o tema da maior parte dos capítulos 1-24, que os 987, vamos acertar, os 597 exilados estavam errados ao pensar que Deus estava do lado deles e logo os levaria para casa. Mas, na verdade, o pior iria acontecer, e a sua última esperança de alívio do Egito fracassou durante o cerco de Jerusalém.

Nem mesmo esta segunda superpotência, o Egito, estava no antigo Oriente Próximo, e nem mesmo o Egito poderia aproveitar-se contra os babilônios, que eram os agentes implícitos do castigo de Deus sobre Judá. E aqui, nesta primeira secção, o Faraó, é uma mensagem contra o Faraó, uma mensagem retórica contra o Faraó, enquanto os 597 exilados ouvem. O Faraó é caracterizado como um animal, e há essa metáfora de ele ser um monstro que vive no Rio Nilo e, basicamente, provavelmente um crocodilo, mas com nuances do monstro do caos, que às vezes no Antigo Testamento é chamado de Leviatã.

E então, este é o contraste aqui. O Faraó afirma ser o senhor do domínio do Nilo e até mesmo o seu criador. E a irrigação do Nilo, claro, foi a fonte da prosperidade do Egito.

Mas não, Deus iria caçar esse monstro e iria derrotá-lo e destruí-lo e a seus súditos. E assim, há uma admissão de que Faraó tem grande poder, mas Deus tem maior poder. E assim, o Egito irá falhar.

É claro que o segundo oráculo pode fornecer provas sólidas de que o Egito falhou. Os versículos 6b a 9a vêm de um pouco mais tarde, depois que o contra-ataque egípcio falhou e o exército babilônico os repeliu e voltou para retomar o cerco. Esta mensagem já está ciente do fracasso da tentativa egípcia de dar apoio militar a Judá.

E seu apoio é ironicamente chamado de bastão de junco porque você foi um bastão de junco para a casa de Israel. Um cajado que não é mais longo que uma cana é como o Faraó é ironicamente chamado. Um junco tão alto crescia abundantemente no Nilo.

Portanto, ainda temos fortes associações com o Nilo. Essa metáfora lembra uma época anterior na história de Judá, quando Judá também procurou o Egito em busca de ajuda, desta vez contra os assírios no reinado de Ezequias. E lá também o Egito se revelou uma cana quebrada.

E somos informados que no capítulo 36, sim, na verdade é o 36, e no versículo 6, o enviado assírio traz uma mensagem a Ezequias. Veja, você está confiando no Egito, aquele bastão quebrado de cana, que perfurará a mão de qualquer um que nele se apoiar. E há outra mensagem semelhante no livro de Isaías, no capítulo 31, versículo 1. Não tenho certeza se entendi a referência correta. Vou ter que verificar.

Oh, sim, 31:1, Ai daqueles que descem ao Egito em busca de ajuda e confiam em cavalos e em carros, mas não olham para o Santo de Israel. E, novamente, isto se refere à política de Ezequias de tentar obter ajuda do Egito. E em 31.1 a previsão é que não vai dar certo.

E o enviado assírio disse a mesma coisa, mas falou desta cana quebrada, é assim que ele vai acabar. E, curiosamente, ambos os capítulos usam a palavra lean. E este é o verbo que aparecerá no versículo 7. Quando eles se apoiaram em você, você quebrou e fez com que todas as pernas deles tremessem.

E em 36,6, você está contando com o Egito. Em hebraico é o mesmo verbo: você está apoiado no Egito, aquela cana quebrada. E então em 31:1, você confia em cavalos, você está confiando em cavalos egípcios, é o mesmo verbo para inclinar-se.

Apoiar-se e confiar fazem parte do vocabulário tradicional de fé que os hebreus usam em relação a Deus. Mas aqui existe essa fé alternativa. Isto é o que surge novamente.

Esta cana era um cajado de cana, e você se apoiou nela e eles se apoiaram em você, os judeus se apoiaram em você e você quebrou. E aí estamos.

Há essa acusação, implicitamente, de que Judá estava fazendo a coisa errada ao recorrer ao Egito em busca de ajuda. E agora o mesmo erro estava sendo cometido. E

assim o Faraó sofreria nas mãos de Deus, e Deus usaria a espada babilônica para derrotá-lo.

A terceira mensagem está nos versículos 9 a 16 e reflete as duas mensagens anteriores e as coloca num contexto mais amplo. Fala da restauração além do julgamento do Egito, o que parece colocá-lo na mesma categoria dos oráculos do livro que pertence ao ministério pós-587.

Fala-se de restauração e admite-se que o Egito será restaurado. O Egito será exilado e então o Egito será restaurado, seguindo o mesmo padrão de Judá.

Há um eco inesperado do que seria a experiência do próprio Judá. Mas prossegue dizendo que sim, o Egito sobreviveria, mas não mais como uma superpotência política, mas como um país do terceiro mundo. Neste novo caso, o Egito já não seria uma tentação para os judeus, eles próprios restaurados do exílio, não seria mais uma tentação para Judá depositar a sua confiança militar no Egito.

E assim, os egípcios aprenderiam uma lição inesquecível, de que não deveriam ser este estado-maior em aliança, em aliança militar com Judá. Como eu disse, esta mensagem parece pertencer ao ministério de Ezequiel pós-587, mas serve para reforçar o tema da sua profecia pré-587, e tem o mesmo tema geral da queda do Egito, mesmo quando fala de restauração. Quando chegamos aos 29, 17 a 21 anos, somos confrontados com uma série de surpresas.

Primeiro, a data avança 16 anos desde a última data, até março de 571. Isso é uma surpresa por si só. E, na verdade, esta é a última data de todo o livro.

O capítulo 40 e o versículo 1 referem-se a 573, que é a última data, mas agora vamos além disso para o equivalente a 571. No 27º ano, o primeiro mês no primeiro dia do mês, a palavra do Senhor veio a meu. Então essa é a primeira surpresa.

A segunda surpresa é que o seu conteúdo não trata principalmente do Egito, mas sim de Tiro. E está falando sobre os oráculos anteriores de Ezequiel contra Tiro, e o Egito é trazido para esta discussão. E, de fato, à medida que se lê esta mensagem, ela parece refletir as críticas a Ezequiel por parte dos exilados da Judéia, alegando que suas mensagens sobre a destruição de Tiro não foram cumpridas da maneira literal que o profeta havia descrito.

Agora, dissemos que Tiro estava sitiada. Josefo, o historiador judeu da época romana, relata uma tradição de que aquele cerco, o cerco babilônico de Tiro, durou muito tempo, durante 13 anos, presumivelmente de cerca de 586 a 573. E então, depois de uma campanha tão longa, quando o eventualmente ganharam o controle da ilha, essas tropas babilônicas descobriram que o armário de Tiro estava vazio.

A sua riqueza foi esgotada ao longo dos anos, ou foi transferida para um local seguro, como poderíamos dizer, para um banco suíço e certamente longe de Tiro . Agora, isto foi muito trágico para as tropas babilônicas porque elas dependiam da pilhagem como parte dos seus salários. E assim que chegaram à ilha, não encontraram nada lá.

Então, quando voltaram para casa, reclamaram amargamente. E os exilados da Judéia ouviram falar dessa queixa e usaram-na como vara para bater em Ezequiel. E realmente foi muito sério porque poderia ser usado como argumento de que as profecias de Ezequiel sobre o futuro, o retorno à terra, e todas essas coisas boas também nunca aconteceriam.

E então, você poderia confiar em Ezequiel? Ele havia falado anteriormente sobre falsos profetas. Bem, ele próprio é um falso profeta. E a base dessa acusação é que Ezequiel falou em saque. Os babilônios saqueariam Tiro quando a conquistassem, e veremos essas referências.

Mas se pensarmos qual foi o destino de Tiro , Tiro foi conquistada, e há uma lista babilônica de reféns reais, datada de cerca de 570, que inclui o rei de Tiro entre os reféns reais. E assim, ele certamente foi deportado, como o rei Jeoiaquim de Judá antes dele. E então, também sabemos pelos registros babilônicos, por volta de 564, o rei reinante de Tiro foi substituído por um alto comissário babilônico.

E assim, a Babilônia obteve o controlo completo de Tiro , e eventualmente governou-a como uma província, como uma província babilônica, com os seus próprios funcionários no comando. Mas o problema é que Ezequiel mencionou o saque no capítulo 26 e versículo 5. Tornar-se-á saque para as nações, aqueles contingentes estrangeiros que constituíam o exército babilônico. E então, em 2612, eles saquearão suas riquezas e saquearão suas mercadorias.

Não havia nada lá, nada lá. E então, Ezequiel estava errado. Ele era um falso profeta? Seus críticos disseram isso.

Bem, diz a nova mensagem aqui. O exército babilônico receberá as suas vantagens do Egito como prémio de consolação. E, de facto, Nabucodonosor invadiu o Egito em 568, e a campanha pode já ter estado no ar em 571.

Mas seria Ezequiel um falso profeta? O que ele disse não se tornou realidade literalmente. E talvez possamos supor que o embelezamento retórico pode desempenhar um papel numa mensagem profética, para dar apoio emocional a essa mensagem, ao seu tema geral. Paralelamente, talvez possamos comparar Jeremias 50 a 51, um longo par de mensagens contra a Babilônia.

Babilônia será destruída! Bem, na verdade, em 539, o exército de Ciro assumiu silenciosamente a cidade e foi recebido pelos seus cidadãos, que estavam fartos do

seu actual governante. Mas a Babilónia certamente perdeu o seu poder imperial com a tomada do poder por Ciro. E assim, de uma forma muito real, esses oráculos eram verdadeiros, mas com o embelezamento retórico, como se viu, porque a destruição nunca aconteceu, apenas uma tomada pacífica.

E esta mensagem apenas admite que o saque não aconteceu e que o exército descontente teria uma oportunidade alternativa. Há duas mensagens aqui, uma pública em 15 a 20 e uma privada para Ezequiel no versículo 21. E essa mensagem privada no versículo 21 é uma garantia pastoral ao profeta que expressa a preocupação de Deus por Ezequiel em seu constrangimento.

Naquele dia farei brotar um poder para a casa de Israel e abrirei os teus lábios no meio deles, e saberão que eu sou o Senhor. O chifre fala de prosperidade e honra para a casa de Israel. Essas mensagens positivas se tornarão realidade e também, em seu ministério profético, abrirei seus lábios.

Isto não parece ser uma referência ao fim daquela antiga ação simbólica, mas refere-se à confiança que Deus permitiria que o profeta tivesse. Através do cumprimento das suas mensagens, ele pode confiar em Deus que essas mensagens positivas serão cumpridas. Mas a obra destrutiva de Deus contra o Egito através dos babilônios foi a precursora da salvação para o seu povo.

Os exilados acabariam sendo restaurados e reabilitados. Chegamos agora ao capítulo 30, e a coleção de mensagens no capítulo 30, versículos 1 a 19, o capítulo inteiro, foram reunidas em um agrupamento literário. E é razoável supor que voltamos agora ao período anterior dessas mensagens anteriores, pré-587.

E a lição implícita é que as esperanças dos exilados de que o Egito expulsasse decisivamente o exército babilónico da Jerusalém sitiada não se concretizariam. Voltamos a esse tema novamente. Em vez disso, este dia do Senhor subjugaria o Egito.

E usamos esse tema profético do dia do Senhor. Bem, infelizmente, para o dia 31, 2. Versículo 3, porque um dia está próximo, o dia do Senhor está próximo. Será um dia de nuvens, um tempo de destruição.

Uma espada virá sobre o Egito. E isso é pegar e usar um motivo profético que ocorre frequentemente, ou pelo menos às vezes ocorre, em oráculos de julgamento contra Judá e contra o Reino do Norte. Mas neste caso, é transferido, e o Egito será vítima daquele dia do Senhor, quando Yahweh intervir de forma hostil.

No capítulo 7, podemos lembrar que Ezequiel pegou o tema do dia do Senhor e aplicou-o contra Judá. Agora, é redireccionado contra o Egito. Assim, do ponto de vista de Judá, endossa o julgamento tanto do Egito como de Judá.

As tropas aliadas do Egito estão listadas no versículo 5, incluindo os mercenários da Judéia, o que é interessante. Havia um assentamento bem no sul do Egito chamado Elefantina. Ficava na fronteira sul e era uma fortaleza militar de defesa contra ataques do sul.

E era em grande parte composto por mercenários judeus. E preservamos a correspondência de Elefantina para Jerusalém e para a Pérsia no período pós-exílico. E aqui agora havia mercenários da Judéia, evidentemente.

Isto fica mais claro na NVI no versículo 5, que fala do povo da terra da aliança como parte das tropas mercenárias que o Egito tinha. Os versículos 10 a 12 são uma segunda mensagem de julgamento que explica a espada. Uma espada é mencionada no versículo 4. Uma espada virá sobre o Egito.

Isto é agora explicado mais detalhadamente. É explicado em termos históricos como Nabucodonosor. No versículo 10, perei a mão nas hordas do Egito pela mão do rei Nabucodonosor da Babilônia.

Ele e seu povo com eles, a mais terrível das nações. Porque não eram apenas as tropas babilônicas, os babilônios também tinham os seus aliados, os seus aliados imperiais, tropas vassalas das várias nações que constituíam o império babilônico.

Os versículos 13 a 19 enumeram as cidades egípcias que sofreriam e seriam esmagadas. Estas mensagens expressam veemência emocional para induzir os exilados a aceitar uma verdade indesejável. O Egito provaria não ser um bom amigo de Judá.

A mensagem nos 30 versículos 20 a 26 tem sua própria data. O 11º ano, o primeiro mês, o 7º ano do mês. E isso é dois meses depois da data inicial em 29.1. E o tempo passou.

Agora é março de 587 e ainda estamos em tempo de cerco. Mas houve um desenvolvimento importante.

Do qual já falamos em um oráculo anterior. Que agora, de facto, os babilônios tinham repellido o exército egípcio que tinha vindo em ajuda de Jerusalém. Então agora o cerco seria retomado.

E aqui, novamente, as últimas esperanças do exilado foram frustradas. E a notícia recebe uma interpretação teológica na mensagem privada de Deus a Ezequiel no versículo 21. Mortal, quebrei o braço do Faraó, rei do Egito.

Não é amarrado para cura nem envolto em bandagens para que se torne forte o suficiente para empunhar a espada. E assim, há uma repulsa forte e eficaz à tentativa egípcia de levantar o cerco babilônico. Deus quebrou decisivamente o braço do Faraó, pois não havia conserto, e ele foi incapaz de lutar.

E esta notícia justifica uma mensagem pública que é apresentada nos versículos 22 a 26. Que no futuro haverá outro ataque dos babilônios contra o Egito. Um ataque duplo no versículo 22.

Estou contra o Faraó, rei do Egito. Vou quebrar os braços dele, tanto o braço forte quanto o que foi quebrado. E farei com que a espada caia da sua mão.

Esse é um sentimento difícil de entender. E a sugestão foi feita e parece bastante plausível que sejam mencionadas aqui duas campanhas contra o Egito. Um da terra e outro do mar.

E em ambos os casos, eles seriam vitoriosos. E quebrar novamente o braço quebrado do Faraó, mas também derrotar não apenas suas forças terrestres, mas também a frota marítima do Faraó. E Nabucodonosor seria o espadachim de Deus, continua dizendo.

O rei da Babilônia irá empunhar a espada de Deus. E assim Nabucodonosor fez campanha contra o Egito em 568. Mas não parece ter sido uma campanha muito forte.

Não parece ter resultado na invasão do Egito, por exemplo. E assim, não parece caber nesta mensagem aqui ou nas anteriores que falavam da derrota do Egito por Nabucodonosor. E pode ser que Ezequiel tivesse uma intuição de mau presságio em relação ao rei persa Cambises, que conquistou brutalmente o Egito em 525 AC.

Mas, de qualquer forma, as suas mensagens neste capítulo representam um forte e repetido não às esperanças dos seus companheiros exilados. Não poderia haver solução rápida para seus problemas. Nenhuma saída fácil deles, como o apoio militar egípcio, poderia ter proporcionado.

A vontade de Deus não estava nessa direção. Chegamos ao capítulo 31 e agora há uma nova data. O 11º ano, o terceiro mês no primeiro dia do mês.

Talvez tenhamos notado que temos uma proliferação de datações nestes oráculos estrangeiros, o que é contrário ao padrão estrutural que encontramos anteriormente, onde partes decisivas do livro eram diferenciadas numa sequência contínua de datas. Mas há um padrão diferente nesta excitação do cerco de Jerusalém. O Egito está muito presente na mente das pessoas e Ezequiel está dando uma série de mensagens relacionadas ao cerco.



E então existe essa prática diferente aqui de dar um grande número. E isto é dois meses depois da data de 3020. Chegamos agora a 587 de maio e ainda é tempo de cerco .

Temos três mensagens menores, mas intimamente relacionadas, agrupadas aqui em 31, nos versículos 1 a 18. São os versículos 2 a 9, 10 a 14 e depois 15 a 18. Agora, tenho um problema no versículo 3. Diz para considerarmos a Assíria. , um cedro do Líbano, e fala sobre a queda da Assíria e seu contraste com o Egito.

Bem, está certo? Vários comentaristas estão um pouco descontentes com a menção da Assíria aqui e prefeririam uma referência a uma palavra hebraica muito semelhante, que se refere a uma enorme árvore junto com um cedro do Líbano. E a questão é: ao resolver este problema ou ao tentar resolvê-lo, qual é o significado da pergunta no versículo 2? Com quem você é em sua grandeza? Esta é uma pergunta verdadeira que busca informações e depois continua? Bem, talvez a Assíria. Talvez você seja tão grande quanto a Assíria, mas é claro que a Assíria caiu.

E então, se for uma questão real, a Assíria se encaixa muito bem. Em nosso texto hebraico tradicional, a Assíria assume que a pergunta no versículo 2 não é uma pergunta retórica que não espera uma resposta, mas que convida a uma referência histórica. Então, qual é? É uma pergunta retórica ou uma pergunta real que espera uma resposta? E o interessante é que há uma retoma da questão no versículo 18.

Qual das árvores do Éden era como você em glória e grandeza? E essa é uma pergunta retórica. Essa é uma pergunta retórica. E sugere que isso é retórico aqui.

Esse Egito é incomparável. O Egito é incomparável. O Egito é o maior.

E então, passamos para uma metáfora. A exploração de uma metáfora. Falando de uma grande árvore, que também é incomparável.

E assim, há uma ilustração da incomparabilidade do Egito com esta árvore. E isso traz um tema que era muito popular no antigo Oriente Próximo de uma árvore cósmica. O mundo, a terra era considerada uma grande árvore.

Elevava-se até o céu e suas raízes estavam nas águas subterrâneas. Esta enorme árvore representa o mundo e é uma metáfora que ilustra a incomparabilidade.

Vou te contar sobre algo incomparável. Mas você é realmente assim? Você é realmente assim? Esta árvore parece incomparável e provavelmente durará para sempre. À medida que Ezequiel explora a metáfora, ela é destruída.

Está destruído. E então, há uma reviravolta em sua cabeça. Esta metáfora da árvore cósmica.

E há uma menção, à medida que analisamos isso, de um fator vital. No versículo 8, menciona os cedros do jardim de Deus que não poderiam rivalizar com ele. Nem os pinheiros se igualam aos seus ramos.

Os plátanos não eram nada comparados aos seus galhos. Nenhuma árvore no jardim de Deus era igual a ela em beleza. Deixei lindo, versículo 9, com sua massa de galhos.

A inveja de todas as árvores do Éden que estavam no jardim de Deus. Então, temos uma mistura desta metáfora desta grande árvore com esta outra ideia do Jardim do Éden. Com suas belas árvores.

E o mais importante é que Deus criou essas árvores. E Deus criou aquela grande árvore, que na metáfora representa o Egito. E isso faz toda a diferença.

E assim, embora seja incomparável, parece ser eterno e eterno. Foi criação. E assim, a vontade de Deus prevalecerá contra isso.

Existe esse novo fato vital contra todo o seu poder e toda a sua força duradoura. E então, temos que pensar novamente. É incomparável.

Sim, admitimos isso. Sim, é um superpoder. Sim, é tão poderoso.

Mas está no jardim de Deus. Está no jardim de Deus. Se Deus quiser, ele pode derrubá-lo.

Ele pode cortá-lo. E aí estamos. A metáfora ganha uma reviravolta.

E o Egito, como a árvore cósmica, com todas as suas conquistas e todo o seu poder, irá desabar no chão. Porque Deus assim o quer. Haverá um julgamento contra isso, na verdade.

Nos versículos 10 a 14, esta árvore é abertamente equiparada ao Egito pelas referências à derrota babilônica do exército egípcio que tentou vir em defesa de Judá. Então, esta altura da árvore, no versículo 10, esta árvore enorme, é considerada como uma representação do orgulho do Egito, de seguir sozinho, da auto-suficiência do Egito. E isso é agora uma acusação que é a causa da queda da árvore egípcia.

E assim, a altura da árvore se torna um símbolo do grande e poderoso orgulho egípcio. E agora a árvore será derrubada e cobrirá o chão com seus galhos agora sem vida. Esse será o fim do Egito.

Agora, está falando no pretérito sobre a árvore egípcia morrendo e descendo para o submundo. Nos versículos 11 a 12, está se referindo àquela derrota babilônica do exército egípcio. Mas é isso que significa? É isso que significa? As referências são o que significam? E pode muito bem ser um lamento fúnebre.

Este Oráculo do Julgamento pode muito bem ser um lamento fúnebre. Não é anunciado como tal no início do capítulo 31, mas se for um lamento fúnebre, você coloca no pretérito o que vai acontecer. E vimos isso ilustrado no início do capítulo 5 de Amós. E Ezequiel parece ter em vista a derrota causada por um exército babilônico no futuro, num futuro muito certo.

E o que nos faz pensar assim é que parece haver uma visão do exílio egípcio. E isso certamente não se enquadrava no que os babilônios conseguiram fazer no seu ataque ao Egito em 582. Esta é uma campanha muito mais contundente aqui.

Mas no final do versículo 11, eu o expulsei. Eu o expulsei. Parece referir-se a um exílio do Egito.

E então, isso parece estar ansioso. Além de 582, na verdade, o que não fez isso. E Certamente, em 15 a 18, temos um lamento fúnebre evocado na linguagem desta terceira mensagem 15 a 18.

Deus ordena rituais matinais para os mortos no Egito. E as potências nacionais do passado já estão lá definhando no submundo. E somos informados de que eles estão satisfeitos porque seu poderoso sobrevivente foi finalmente derrubado.

O Egito juntou-se a eles. O versículo 18 refere-se ao discurso direto do versículo 2, dirigindo-se ao faraó com seu exército. Ele termina com uma interpretação simples em terceira pessoa.

Este é um Faraó e toda a sua horda, diz o Senhor. E basicamente, Ezequiel ainda está lidando com o otimismo de seus companheiros prisioneiros de guerra. Eles ainda esperavam que a ameaça babilônica a Jerusalém desaparecesse.

Eles depositavam essas esperanças no Egito. E o profeta admite que havia bons motivos para o otimismo. O Egito era de facto uma potência militar a ter em conta.

E, no entanto, os exilados não consideraram os propósitos de Deus. Propósitos punitivos que usaram Nabucodonosor como seu agente e removeram todos os obstáculos que estavam no caminho. O faraó, com seu poder incomparável, finalmente encontraria seu adversário naquele que tinha o poder da vida e da morte, o próprio Deus.

O Capítulo 32 é o capítulo final destas mensagens estrangeiras e ainda precisa de lidar com o Egito. Os versículos 1 a 16 são um agrupamento de mensagens mais curtas, quatro mensagens mais curtas. 3 a 8, 9 a 10, 11 a 14, 15 a 16.

Todos foram dirigidos ainda contra o Egito. E são chamados, coletivamente, de lamentação. Temos esta designação formal no versículo 2. Levante uma lamentação contra Faraó, rei do Egito.

E diga a ele o seguinte. No versículo 16, no final, também temos referência a uma lamentação. Isto é uma lamentação.

Será cantado. As mulheres da nação devem entoá-lo. Sobre o Egito e todas as suas hordas eles o cantarão, diz o Senhor.

Então aqui temos essa lamentação. O que na verdade, é claro, é um oráculo de julgamento. E no decorrer da mensagem, na verdade, parece mais um simples oráculo de julgamento.

Mas nos versículos 7 e 8, pede luto no céu. O céu deveria chorar pelo Egito. Versículo 8: todas as luzes brilhantes dos céus, escurecerei acima de vocês e porei trevas na sua terra.

E então continua dizendo, na primeira parte do capítulo 9, vou perturbar o coração de muitas pessoas. E isto também é um luto em nome da grande nação do Egito. Mas, fora isso, é principalmente um simples oráculo de julgamento.

Mas há uma nova data no início do capítulo 32. E isto é março de 585. E Jerusalém já havia caído.

587 acabou. Jerusalém havia caído, e os prisioneiros de guerra já deviam ter sido informados desse fato. No entanto, em substância, os versículos 1 a 6 parecem uma reedição dos 29, 3 a 6, que foram concebidos para contrariar as esperanças de que o Egito viesse em socorro de Jerusalém.

E temos a impressão de que mesmo depois da queda de Jerusalém, houve alguns prisioneiros de guerra que disseram: Esperamos que o Egito não tolere o controle dos babilônios sobre a Palestina e a Síria. Esperamos que eles montem um contra-ataque massivo. E assim, se isso for verdade, mesmo que o cerco tivesse terminado e Jerusalém tivesse caído, eles ainda depositavam as suas esperanças de que o Egito pudesse intervir nesta última fase.

A mensagem começa no versículo 2 referindo-se ao faraó como um leão, rei da selva internacional. Sim, um poder a ser enfrentado. Mas então desenvolve uma segunda comparação, um crocodilo no Nilo, mas um crocodilo maior que a vida.

É o monstro do caos novamente. Essa combinação de crocodilo e monstro do caos foi a que tivemos em um oráculo anterior contra o Egito. E contra tal poder, o papel de Deus era ser o caçador, caçando esta fera e espalhando sua enorme carcaça sem vida sobre montanhas e vales.

A mensagem identifica a caça do monstro egípcio por Deus com um ataque de Nabucodonosor ao Egito. Ele será o agente de Deus. O texto antecipa um novo ataque ao Egito, um ataque devastador.

E então, no versículo 17, chegamos a este próximo oráculo, 17 a 32, nos trazendo ao fim das mensagens egípcias e ao fim das mensagens contra as nações estrangeiras. E este é um oráculo de julgamento contra o poder militar do Egito. Nenhum mês foi aplicado aqui.

Está no 12º ano. Sim, se você olhar para o novo RSV, ele fornece para um mês. No 12º ano, no primeiro mês, no 15º dia do mês, tem nota de rodapé.

O texto hebraico não faz referência ao mês e é importado da Septuaginta. E essa é provavelmente uma leitura mais fácil. Essa é uma revisão dos escribas, o que é muito bom, mas na verdade não faz parte do texto original.

Mas é uma interpretação correta porque parece ser o... No versículo 32, agora, não, no 32, versículo 1, o 12º ano e o 12º mês, e aqui no 12º ano no primeiro mês. Bem, voltando atrás, não sei por que a Septuaginta deveria ter feito isso. Mas parece que estamos dentro, e estamos em 585, mas provavelmente aparentemente mais tarde.

E esta mensagem final contra o Egito prevê a derrota final do exército egípcio. Retrata essa derrota em termos de mortes e descida ao submundo, que foi uma nota que tínhamos anteriormente no que diz respeito ao Egito. E a mensagem contrasta um enterro honroso e um lugar de honra no submundo com o destino de dois outros grupos, pessoas incircuncisas e pessoas que morreram violentamente pela espada.

Acreditava-se que eles foram para um lugar inferior e desonroso no submundo. Esta ideia parece ter sido aceita e o Egito vai ser colocado num lugar pior e não num lugar de honra. E assim o destino deles evidentemente seria atribuído a este lugar vergonhoso e separado no submundo.

Isso estava reservado para o Egito. E outra característica desta mensagem é que o Egito está situado ao lado de outras nações que outrora exerceram grande poder, e há uma lista delas enumeradas, mas agora eram apenas memórias vazias, apenas peças de museu. E há menção da Assíria no submundo.

A Assíria já governou o antigo Oriente Próximo, mas agora não governa mais. Há menção de Elam, a leste da Babilônia, que já governou o sul da Mesopotâmia até ser expulso pela Assíria. Há menção de Meseque Tubal, a sudeste do Mar Morto, que já foi uma séria ameaça à Assíria no século VIII aC.

Mas tudo isso já aconteceu. Tudo isto tinha agora importância militar apenas para o historiador, como a França sob Napoleão ou a Alemanha sob Hitler. E assim o Egito vai ocupar esse lugar, que não é mais importante, apenas de interesse para o historiador, e nada mais.

E depois algumas outras nações são listadas nos versículos 29 e 30, mas agora a partir de uma perspectiva palestina e não de uma perspectiva babilônica. Olhando para trás, para essas mensagens estrangeiras, precisamos notar uma preocupação crescente com a morte e o submundo. Tem surgido repetidamente em 26, 28, 31 e finalmente reiterado em alto e bom som no capítulo 32.

E há esta preocupação mórbida com o destino das nações estrangeiras envolvendo o submundo. Esta preocupação mórbida tem um papel estrutural importante no livro porque se alinha com o teor geral das mensagens negativas de Ezequiel para Judá. Judá está no exílio, passando por uma experiência semelhante à da morte até agora.

Essa negatividade vem à tona ao falar da morte e do submundo. E é importante que isso esteja estressado agora porque iremos seguir em frente e passaremos a ter uma preocupação com a vida. Vida e viver serão palavras-chave do capítulo 33 em diante.

E assim, temos esta polarização da morte e da vida. Agora, a vida vai substituir toda aquela conversa sobre morte que sugerimos ou expressamos nos capítulos anteriores. Da próxima vez, deveríamos estar estudando o capítulo 33. Vamos para o capítulo 32, versículo 32.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Ezequiel. Esta é a sessão 14, Perdição para o Egito, Ezequiel 29:1-32.